

Editorial

A Revista do IHGMT, n. 84 aborda dois eventos relevantes para a História nacional, o Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022) e os 100 anos da Semana de Arte Moderna (1922-2022), cuja Apresentação coube à atual Presidente do IHGMT, Neila Maria Souza Barreto, que analisa as produções da Instituição sobre o tema da Independência, em especial no seu Sesquicentenário, 1977.

A primeira parte é dedicada ao Bicentenário da nossa Independência, e tem início com o artigo *A Independência do Brasil nos escritos de Varnhagen*, de autoria de Renilson Rosa Ribeiro, que traz à luz as reflexões do clássico historiador paulista Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), na obra *Historia Geral do Brazil* (1855-1857, a qual versa, dentre outros temas do momento da nossa Independência. Trata-se de um estudo que objetiva “compreender a escrita da história, vinculada a um lugar de memória – o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), sentida e ressentida nas páginas do livro-monumento de Varnhagen no contexto do Segundo Reinado e o projeto centralizador saquarema”. Em seguida, Anna Maria R. M. da Costa e Lidiane Álvares Mendes, em *José Bonifácio de Andrada e Silva no processo de Independência do Brasil*, centrando suas reflexões numa das mais poeminente figura do Império, em suas diversas facetas. Allan Kardec prossegue avançando para as ações redundantes da Independência, qual seja, o período regencial e os efeitos do Ato Adicional à Constituição de 1824, trazendo este evento para o interior do Parlamento mato-grossense em seus primórdios. Elizabeth Madureira Siqueira, em *O ocaso do Império em Mato Grosso: base documental para compreensão das divergências*, traz à luz uma série de documentos capazes de embasar a compreensão das divergências existentes no crepúsculo do período colonial. O evento do Centenário é também analisado por Marcos Amaral Mendes, tendo por base um dos mais sedimentados periódicos salesianos, o jornal *A Cruz*. Segundo o autor, “O texto dialoga com notícias, pastorais, discursos e outros apontamentos para compreender a apropriação da efeméride pela Igreja Católica, com vistas a reforçar sua aproximação com o governo republicano e o atributo do catolicismo como elemento basilar da identidade e da unidade

nacional”. Já Túlio Eugênio, com *O bicentenário da Independência: será que somos realmente independentes?*, tece reflexões embasadas na teoria do agir comunicativo de Habermas sobre a desconstrução dos arquétipos do atraso enquanto afirmação da nossa efetiva independência, por meio do uso da teoria do agir comunicativo. Para o autor, trata-se de “fazer um exame de consciência sobre os principais problemas os quais pairam no âmbito cultural e da psiquê coletiva nacional e que obstaculizam o desenvolvimento, a emancipação e a independência efetiva”. Sônia Regina Romancini e Edenilson Dutra de Moura, em *Espacialidades urbanas, imagens e práticas cotidianas em Cuiabá no período imperial*, analisam, através de textos e imagens, “a expressão territorial urbana de Cuiabá no período imperial, através da seleção de algumas espacialidades e práticas cotidianas, as quais permitem entender a complexidade da relação espaço-tempo na dinamização da paisagem urbana cuiabana”. Encerrando a temática do Bicentenário, Zuleika Alves de Arruda, colabora com *Expedição Langsdorff: Paisagem, Imaginário e Representação Geográfica da Província de Mato Grosso no Início do Império (1822-1829)*, estabelecendo um vigoroso diálogo entre a categoria a paisagem e a geograficidade, no interior dos relatos de viagem da expedição russa comandada por Langsdorff. Na opinião da autora, o artigo faz reflexões sobre o “vínculo que os viajantes naturalistas estabelecem com o espaço e o sentido comum atribuído, incluindo a subjetividade do seu olhar na construção de paisagens, sem desconsiderar a formação socioespacial que constitui a base de representação da paisagem, ou seja, que paisagens estão relacionadas às representações do espaço, mas também aos espaços de representação, uma vez que que é permeada pelas relações sociedade-natureza”.

A segunda parte do nosso periódico é dedicado aos 100 anos da Semana de Arte Moderna e se inicia com o artigo *O Pioneirismo do Poeta Lobivar Matos no cenário literário mato-Grossense*, de autoria de Eduardo Mahon e Cristina Campos. O artigo analisa o pioneirismo modernista do poeta Lobivar Matos no bojo do contexto romântico-parnasiana mato-grossense, dos anos 1930-1940. Na concepção dos autores, “Ao perceber a complexidade do confronto com a tradição, é possível alcançar a relevância da poesia marginal do autor, inclusive no contexto nacional, onde o movimento modernista ainda não se aprofundava em

questões sociais como Lobivar Matos”. Já Maurília Valderez, em *Oswald de Andrade: A Semana de Arte Moderna e além*, traz uma reflexão sobre “a questão da ‘canibalização’ das vanguardas europeias por Oswald de Andrade no contexto do movimento modernista de 1922. Através da tese da *congenialidade*, o texto “questiona a hipótese de transplantação cultural ou cópia dos experimentalismos europeus pela Antropofagia, para pensar o primitivismo nativo como arma crítica que tem como alvos a desmistificação da história escrita, do patriarcado e da cultura intelectual a que esta deu nascimento”. Além do conceito de *congenialidade*, a autora de apropria da *diferença* para mostrar que a problemática das influências se manifesta no espaço da *intertextualidade*, onde a devoração antropofágica contida no Manifesto está para além da racionalidade europeia, colidindo as visões de mundo dos ameríndios e dos civilizados, tipicamente brasileira. Gabriel Francisco de Mattos, em *A Semana de 1922 e uma certa Modernidade na Arquitetura*, se propõe a discutir a Arquitetura na Semana de Arte Moderna de 1922 e sua interface com o conceito de Modernismo aplicado à prática da Arquitetura naquele momento, assim como a evolução desse conceito, para demonstrar que “as fronteiras do Modernismo são bastante flexíveis, podendo até se falar em “Modernismos”, com diferentes formas de se enfrentar o que está em questionamento“. Encerrando a temática da Semana de Arte Moderna, *Semana de Arte Moderna e as revoluções artístico-culturais em tempos de pós-pandêmicos*, de autoria de Ahmad Afif Jarrah, quando “a Semana de Arte Moderna de 1922 é revisitada e alguns dos seus contextos situacionais são colocados em perspectiva com o ano de seu centenário e ano do bicentenário da Independência, para o apontamento de verossimilhanças e contrastes que possam contribuir com os estudos acerca da arte e cultura no Brasil, em especial em Mato Grosso”. Metodologicamente, o artigo se apropria do conceitos de colonialidade-modernidade e decolinialidade-transmodernidade, reunidos por Walter Mignolo e Enrique Dussel, concluindo que, na contemporaneidade, a história se circunscreve à espacialidade enquanto organismo vivo, indicando, ao final, “como a Amazônia é uma questão central para as revoluções artístico-culturais contemporâneas”.

O IHGMT se sente mais coeso e fortalecido com a presente Revista, agradecendo os associados e convidados, desejando uma boa leitura.